

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
17 e 19 de Junho de 2024  
REVISITAR O CINEMA NOVO DE TAIWAN

**ZUI XIANG NIAN DE JI JIE / 1985**  
**“A Minha Estação Preferida”**

*Um filme de Chen Kun-Hou*

*Argumento:* Chu Tien-wen, Ding Yah-Ming, Hou Hsiao-Hsien e Hsu Shu-Chen, a partir de uma história de Chu Tien-wen / *Diretor de fotografia (35 mm, cor, formato 1x66):* Chen Kun-Hou / *Direção artística:* Chien Wen Hour / *Cenários:* William Chang / *Figurinos:* Chu Ching-Wen / *Música:* Tu Duu-Chih / *Montagem:* Wang Chi-Yang / *Som:* Hsin Chiang-Sheng / *Interpretação:* Sylvia Chang (*Liu Xiang-mei*), Jonathan Lee (*Bi Bao-Liang*), Hsia Ching-Ting, Kuan Kuan, Li Shu-Chen, Yan Shen, Shu Lan-Ying, Johnny Chung-Yi Tuan, Wen-Ying, Wu Nien-Jen, Yang Li-Yin. *Produção:* Hsu Kuo-Liang para Zhong Ying/Central Motion Pictures (Taipé) / *Cópia:* digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas em português / *Duração:* 99 minutos / *Estreia mundial:* Taiwan, 6 de Março de 1985 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*\*\*

Chen Kun-Hou nasceu em 1939 em Taiwan, o que significa que não descende daquela importante fração da população da ilha que ali chegou em massa em 1949, na sequência da vitória dos comunistas na China, transformando aquela província num país independente, que se tornou próspero e até 1972, quando os Estados Unidos reconheceram a República Popular da China e esta foi admitida na ONU (e Taiwan foi expulsa) propagou a ficção de que era o único governo da China. Como é regra nas cinematografias de carácter industrial, Chen Kun-Hou exerceu mais de uma função antes de se tornar realizador. Entrou para os estúdios Zhong Ying em 1962 como aprendiz de operador de câmara pela mão de um tio, que era diretor de fotografia. Três anos depois foi considerado digno de ser assistente de imagem e em 1969 estreava-se como diretor de fotografia, função que continuou a exercer mesmo depois de se estrear na realização, tendo sido responsável pela imagem de cerca de quarenta filmes, seus (como o que vamos ver) e de outros. Realizou o seu primeiro filme em 1978 e no ano seguinte associou-se a Hou Hsiao-Hsien, que se tornaria num dos diretores mais destacados a nível mundial a partir dos anos 90, para a produção de seis “comédias sentimentais urbanas”, das quais quatro foram realizadas por ele e duas por Hou, que é um dos quatro argumentistas de “**A Minha Estação Preferida**”. Este é o oitavo filme realizado por Chen Kun-Hou.

**Zui Xiang Nian De Ji Jie/“A Minha Estação Preferida”** deixa no espectador a impressão um tanto mitigada. O argumento – uma mulher grávida e solteira que decide fazer um casamento branco da duração de um ano, para salvar as aparências e não ter um filho “bastardo” – podia prestar-se a dois géneros totalmente diferentes: melodrama (ou “comédia sentimental”, que é a versão chique do melodrama) ou a uma comédia rasgada, herdeira da comédia sofisticada ou maluca do cinema clássico americano. É o que faria oito anos mais tarde outro cineasta taiwanês, Ang Lee, em **O Banquete de Casamento**, autêntica e brilhante neo-screwball comedy sobre um casamento de fachada, baseado num contrato muito específico. No filme de Ang Lee o falso noivo/marido é homossexual, em “**A Minha Estação Preferida**” a sua falta de contato sexual com as mulheres deve-se a uma estranha superstição: se ele tocasse numa antes de completar trinta anos isto lhe traria má sorte. Talvez fosse impossível mostrar um homossexual no cinema de Taiwan em 1985, quando vigorava a lei marcial, mas o postulado é o mesmo do filme de Ang Lee: o casamento é uma pura fachada e tudo o que vemos decorre da contradição entre a fachada e os bastidores da vida do “casal” (a

duração do falso casamento deve ter sido breve a julgar pelo volume imutável da barriga da mulher). O facto dos protagonistas do filme de Chen Kun-Hou (todos os demais personagens são anexos, pouco mais que figurantes) serem uma “cabra” invasiva e manipuladora e um donzelo completamente palerma, que não tem hipótese diante da astúcia e da determinação da mulher - personagens arquetípicos da *screwball comedy* - é um sinal evidente de que o realizador e os seus argumentistas quiseram dar um tom de comédia ao filme. E é precisamente por isto que **“A Minha Estação Preferida”** tem algo de uma oportunidade desperdiçada, de um tiro ao lado do alvo: as suas possibilidades narrativas foram inadequadamente utilizadas. Como numa série televisiva ou numa telenovela, a narrativa do filme tem sempre o mesmo ritmo, sem acelerações, pontos culminantes, pequenos suspenses, acidentes de percurso. Esta apatia narrativa, inerente às telenovelas, concebidas para serem vistas em pequenos episódios durante vários meses e por isso tão chatas, no sentido literal e no figurado, quanto a vida diária dos seus espectadores, enfraquece irremediavelmente qualquer objeto destinado a ser visto numa sala às escuras durante cerca de cem minutos e que tem obrigatoriamente de ter densidade e ser mais do que a adição de pequenos episódios. Em **“A Minha Estação Preferida”** temos noventa minutos consecutivos da banalidade da vida de todos os dias e uma súbita e inexplicada transformação da mulher, que cancela todo o projeto e “perde o filho” (terá abortado, o que também talvez fosse impossível de ser mostrado no cinema taiwanês da época?). O verdadeiro namoro começa depois do fim da farsa, o que é uma boa ideia de argumento, mas vem um pouco tarde e não há argumento que não exija uma *mise en scène* que valorize as possibilidades da história narrada.

Antonio Rodrigues